

NARRATIVAS AFRO-BRASILEIRAS: ÚRSULA, DE MARIA FIRMINA DOS REIS, DIÁRIO DE BITITA, DE MARIA CAROLINA DE JESUS, E BECOS DA MEMÓRIA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Francineide Santos Palmeira¹

Resumo: Este artigo buscou averiguar, por meio das obras: *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, *Diário de Bitita*, de Maria Carolina de Jesus, e *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo, em que medida os discursos dessas autoras assemelham-se e diferenciam-se no que tange as questões étnico-raciais e de gênero. Embora pertençam a contextos históricos diversos, essas autoras fazem parte de um grupo de escritoras negras que apresentam um contra-discurso em suas produções literárias questionando/rasurando uma tradição literária que representa a afrodescendência e os afrodescendentes a partir de imagens negativas/depreciadoras.

Palavras-Chave: Escritoras, Mulher, Afrodescendente, Literatura, Gênero.

Abstract: This article aims to verify how the works: *Úrsula*, of Maria Firmina dos Reis, *Diário de Bitita*, of Maria Carolina de Jesus, and *Becos da Memória*, of Conceição Evaristo approach and difference about the racial question and the gender question. Although, the historic context is different, these authors are part of a black authors group that makes a opposite speech in their literary works and they question a speech of a literary tradition that represents the african descendents from negative and deprecatory images.

Key Words: Authors, Woman, African descendents, Literature, Gender.

A literatura brasileira, desde sua formação até a contemporaneidade, tem apresentado os afrodescendentes a partir de discursos demarcados negativamente. As obras de autores como Aloísio de Azevedo, Bernardo Guimarães, Gregório de Matos, José de Alencar e Xavier Marques exemplificam essa assertiva. Nos textos desses autores, a mulher negra, por exemplo, figura em imagens nas quais são construídas como um corpo-objeto e/ou relacionada a um passado de escravidão. A esse respeito, a estudiosa Sueli Carneiro afirma que as mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres que são retratadas como antimusas da sociedade brasileira por serem diferentes do modelo estético da mulher branca.

Entretanto, esse discurso literário estereotipado negativamente é questionado e rasurado por uma produção literária de autoras negras. As mulheres negras deixam, então, de ser objeto da representação de um outro para ser simultaneamente sujeito e objeto da escrita literária. Por meio de suas pers-

¹ Mestre do Programa de Pós-graduação de Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia (UFBA); Doutoranda do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos da UFBA; endereço eletrônico: francineidepalmeira@yahoo.com.br.

pectivas — marcadas como não poderia deixar de ser, pela vivência de ser mulher negra na sociedade brasileira — essas escritoras afro-brasileiras contribuem para constituição de uma história que revela elementos apagados e/ou desprivilegiados pela escrita falo-cêntrica e branca.

Neste ensaio, apresentaremos um recorte do projeto Vozes Femininas Negras que objetivou averiguar — por meio da apreciação das obras: *Úrsula*, de Firmina dos Reis, *Diário de Bitita*, de Carolina de Jesus, e *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo — como são construídas as representações acerca dos/das afrodescendentes sob a perspectiva de escritoras afro-brasileiras e em que medida os discursos dessas autoras assemelham-se e diferenciam no que tange as questões étnico-raciais e de gênero.

Firmina dos Reis, Carolina de Jesus e Conceição Evaristo são sujeitos femininos negros que contribuíram com a luta história de seus ancestrais pela questão da afrodescendência no Brasil por meio do instrumento da escrita, dialogando com Foucault (1970, p. 2) quanto afirma que “[...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorear-nos”.

Assenhoreadas desse poder, essas autoras afro-brasileiras produziram o que neste ensaio será denominada de Literatura Feminina Negra. Para entendermos esse conceito faz-se necessário trazer à tona algumas outras conceituações. Primeiro, o que é literatura feminina? Segundo a estudiosa Nelly Richard (2002, p. 133), “[...] qualquer literatura que se pratique como dissidência da identidade, a respeito do formato regulamentar da cultura masculinopaterna [...]” (RICHARD, 2002, p. 133) levaria o coeficiente minoritário e subversivo (contradominante) do “feminino”. No excerto acima, Richard traz um conceito de literatura feminina no qual a condição *sine qua non* para realizar tal produção, não é atrelada ao sexo do sujeito da escrita, mas ao conteúdo da escrita.

De forma semelhante, de acordo com o conceito de literatura negra aqui adotada, o de Florentina Souza, a etnia não é uma prerrogativa da literatura afro-brasileira ou literatura negra, mas sim o discurso. Para essa estudiosa, essa literatura existe quando: “[...] poemas e contos instauram /adotam um discurso que constrói e assume uma identidade afro-brasileira e engaja-se num projeto político de repúdio ao racismo e suas manifestações e de combate às desigualdades sociais” (SOUZA, 2005, p. 110).

A partir dos conceitos acima sobre literatura feminina e literatura negra, podemos definir a literatura feminina negra, a partir do *corpus* aqui estudado, como uma produção que traz em sua textualidade a percepção de um sujeito

atravessado pelas identidades de ser mulher e de ser negra na sociedade brasileira. Outra característica dessa escrita consiste no fato de evidenciar a participação e a importância da contribuição dos afrodescendentes na história brasileira, com destaque especial para o papel desempenhado pelas mulheres negras. Essa literatura adjetivada lida tanto com a ficção quanto com as experiências vivenciadas.

Além do fato de serem escritoras afro-brasileiras, o estudo e o cotejo das obras Maria Firmina dos Reis, Carolina de Jesus e Conceição Evaristo interessa ao projeto EtniCidades: História e Memória da Afrodescendência, devido suas trajetórias específicas, em relação a carreira de escritoras. Firmina foi professora, escritora e jornalista em um período em que a escravidão era reconhecida por lei e atualmente é considerada a primeira escritora brasileira, além de ser autora do primeiro romance abolicionista que se tem conhecimento na literatura brasileira; *Úrsula*. Carolina foi uma catadora de papel, sem instrução formal que se apoderou da escrita e que teve sua primeira obra traduzida para diversas línguas. E Conceição Evaristo se destaca pela atuação profissional e política, sua constância de publicação na série *Cadernos Negros*, a divulgação e a crítica respeitosa que vem recebendo do exterior e o seu próprio pensar da questão da literatura negra ou afro-brasileira. Interessa-nos perceber/averiguar os encontros e desencontros dessas vozes femininas negras que emergiram em momentos distintos, e que tem se destacado na trajetória da literatura afro-brasileira, a respeito das representações acerca da afrodescendência, dos/as afrodescendentes e das questões relacionadas ao gênero. Isso porque como o próprio nome indica, o projeto EtniCidade: História e Memória da Afrodescendência mapeia as representações que foram feitas a respeito dos negros, afrodescendentes e da cultura afro-brasileira em geral para construir um acervo crítico da produção e circulação deste conjunto de representações.

A primeira questão que se destaca no cotejo entre *Maria Firmina dos Reis*, *Carolina de Jesus* e *Conceição Evaristo* é uma identidade em comum, já indicada no título dessa pesquisa- Vozes femininas negras: Maria Firmina dos Reis, Carolina de Jesus e Conceição Evaristo; ou seja, a condição de ser mulher negra na sociedade brasileira. E essa identidade é muito importante, pois evidencia o lugar de fala das escritoras, já que nenhum discurso literário é neutro. A esse respeito Said, na obra *O Oriente como Invenção do Ocidente*, afirma que:

Muito do meu investimento pessoal neste estudo deriva da minha consciência de ser um "oriental" [...] De muitas maneiras o meu estudo do orientalismo foi uma tentativa de inventariar em mim o oriental, os traços dessa cultura cuja dominação foi um fator tão poderoso na vida de todos os orientais. [...] Enquanto isso,

tão severa e racionalmente quanto pude, tentei manter uma consciência crítica, além de empregar os instrumentos de pesquisa histórica [...] Em nada disso, contudo, perdi jamais de vista a realidade do envolvimento pessoal de ter sido constituído como “um oriental” (SAID, 1996, p. 37).

Assim como Said evidencia no excerto acima, o seu lugar de fala, todos os discursos são produzidos a partir de um lugar de fala, não há discursos neutros. Escritores(as) são pessoas que vivem em um determinado tempo e estão inseridos em uma determinada sociedade. Suas escritas surgem confirmando ou negando a eficácia, a validade dessa mesma sociedade, para todos os sujeitos pertencentes ao grupo. Dessa forma a construção dos discursos e as temáticas abordadas pelas escritoras e escritores encontram-se intimamente relacionados aos locais de fala das mesmas(as).

Embora as escritoras Maria Firmina dos Reis, Carolina de Jesus e Conceição Evaristo possuam uma identidade em comum, a de mulher negra na sociedade brasileira, as mesmas a vivenciaram em momentos históricos e em contextos sociais distintos. Maria Firmina, no século XIX, Carolina de Jesus, na primeira metade do século XX e Conceição Evaristo, na segunda metade do século XX e início do século XXI. O que não impede de existir semelhanças entre as mesmas. Maria Firmina dos Reis e Conceição Evaristo possuem acesso a um conhecimento institucionalizado e formal, a prova disso é que ambas prestaram concursos e ingressaram no magistério público. Outra característica comum entre essas duas escritoras é o prestígio social que as mesmas desfrutaram, na imprensa devido sua escrita e ao papel social que representavam. Contrapondo-se a Firmina e Evaristo, Carolina de Jesus não teve acesso a uma educação formal, só estudou até a quarta série, e o prestígio social que Carolina teve acesso com a publicação de seu primeiro livro *Quarto de despejo* deve-se mais ao fato dessa escrita trazer uma denúncia social do que ao caráter literário de sua obra. Por outro lado, Conceição Evaristo e Carolina de Jesus foram empregadas domésticas e vão escrever sobre o cotidiano dos afrodescendentes no contexto pós escravidão, no século XX, por meios de temáticas como: a vida na favela, a mulher negra de baixa renda, situações de violência contra mulher e a situação histórico-social do negro no Brasil.

Neste ensaio interessa-nos evidenciar além das possíveis relações entre as escritoras, as percepções resultantes do cotejo entre as obras *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, *Diário de Bitita*, de Maria Carolina de Jesus, e *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo no tocante a gênero e etnia.

Cronologicamente falando, Maria Firmina dos Reis é a primeira a publicar sua obra. Tendo vivido no século XIX, Firmina foi professora, escritora e jornalista em um período em que a escravidão era reconhecida por lei. Atualmente, temos conhecimento das seguintes obras da autora: dois romances,

Úrsula (1859), primeiro romance abolicionista que se tem conhecimento na literatura brasileira, *Gupeva* (1861); o conto, *A escrava* (1887) e um livro de poemas denominado de *Cantos à beira-mar* (1871).

Úrsula (1859) representa um dos marcos na história da literatura afro-brasileira, pois é o primeiro romance abolicionista que se tem conhecimento na literatura brasileira. Esse texto de Maria Firmina inova ao trazer a história da afrodescendência brasileira, apesar da trama ser protagonizada pelos jovens brancos — Úrsula e Tancredo. Uma obra que segundo Luzilá Ferreira, é um típico produto da época com seus personagens apaixonados e sofredores, seus amores infelizes, seu final trágico. Em *Úrsula*, os personagens principais são Úrsula e Tancredo. O encontro do jovem casal foi promovido pelo escravo Túlio. Foi esse escravo que apresentou a jovem Úrsula que vivia um drama ao lado sua desafortunada mãe, paralítica, ao sofrido Tancredo, homem que perdera a mãe e fora traído pelo pai e por Adelaide, aquela que julgava ser o grande amor de sua vida. O amor que surgiu do convívio entre ambos o fez superar seus sofrimentos e lutar pela vida conjunta, todavia o incestuoso Comendador Fernando P. condenou a si próprio e ao jovem casal a um martírio seguido de morte.

Os escravos representados nessa obra não se identificam com os valores dominantes nem reproduzem estereótipos, tais como “o negro de alma branca”. Pelo contrário, nesse texto o escravo Túlio possui qualidades derivadas da nobreza de seu sangue africano as quais se vem de modelo para descrição do protagonista da obra: “E que em seu coração [Tancredo] ardiem sentimentos tão nobres e generosos como os que animavam a alma do jovem negro: [...]” (REIS, 1988, p. 26), isto é, o branco considerado como o detentor de um comportamento modelar pela sociedade brasileira é descrito sob uma perspectiva que considera o negro como parâmetro moral. Além disso, os escravos nesse romance conservam suas práticas culturais como forma e resistência a escravidão, sua memória guarda a sua história, como podemos perceber na seguinte fala da escrava Mãe Suzana: “[...] a mente! isso sim ninguém a pode escravizar! [...]” (REIS, 1988, p. 35).

Entretanto, essa obra denuncia não apenas a situação vivenciada pelos negros, a subordinação da mulher no patriarcado brasileiro, herdeiro das relações coloniais, também é criticada nessa obra. A esse respeito Constância Lima (2005, p. 443) afirma que “[...] Em uma reflexão inédita na escrita de seu tempo, Maria Firmina dos Reis fala como mulher e associa a dominação de raça à de seu sexo, vinculando, portanto, gênero e etnia [...]”. Como exemplo dessa afirmação de Lima, destaca-se a cena em que a jovem Úrsula, presa ao território familiar, inveja a mobilidade adquirida pelo escravo liberto, *vide*: “E Úrsula

invejava vagamente a sorte de Túlio e achava mor ventura do que a liberdade poder ele acompanhar o cavaleiro” (REIS, 1988, p. 37-38).

Na seqüência cronológica temos Carolina Maria de Jesus. Nascida no século XX, na cidade de Sacramento, interior de Minas Gerais, em 1914. Carolina foi uma catadora de papel, sem instrução formal que teve sua primeira obra traduzida para diversas línguas. Entre os livros dessa escritora destacam-se *Quarto de Despejo* (1960), *Casa de Alvenaria* (1961), *Pedaços de Fome* (1963), *Provérbios* (1963) e *Diário de Bitita* (1982 publicação póstuma).

Diário de Bitita é uma obra em que Carolina narra suas lembranças da infância e da adolescência, entre as quais destacam-se a busca por trabalho, sua visão de mundo, suas experiências, e suas opiniões. Embora esse livro tenha o nome diário, no título, não traz relatos cotidianos datados em seqüência. Ao invés disso, o livro é dividido em capítulos por temáticas, e os conteúdos destes se desenvolvem conforme as lembranças daquela temática, estando, portanto, mais próximo do que comumente se denomina de autobiografia.

Contudo, o *Diário de Bitita* também pode ser lido como uma história de caráter coletivo, isso porque a obra tematiza a história dos afro-brasileiros, no contexto da pós-abolição. A luta cotidiana pela liberdade é evidenciada em *Diário de Bitita* em passagens como: “Quando os pretos falavam: - Nós agora estamos em liberdade – eu pensava”. Mas, que liberdade é esta se eles têm de correr das autoridades como se fossem culpados de crimes? (JESUS, 1986, p. 56).

Outro fato a ressaltar em *Diário de Bitita* é o ponto de vista que evidencia as relações de gênero. Sob a denominação de gênero tem se buscado compreender a construção e a organização social da diferença sexual, isto é, uma relação que segundo Colling (2004) não é um fato natural, mas sim uma relação construída e incessantemente remodelada, efeito e motor da dinâmica social. Uma construção cultural que hierarquizou a diferença entre os sexos, mascarando o privilegiando do modelo masculino por meio da pretensa neutralidade sexual dos sujeitos. Nesse sentido, destaca-se na obra um momento em que a personagem Bitita, após ser presa acusada de insultar o sargento, ouviu a seguinte frase: “- *Esta vagabunda vive viajando. Moça direita não viaja*” (JESUS, 1986, p. 181). Por ter participado do mundo público, tendo tido ações que era (são) consideradas do domínio masculino, tal como movimentos de deslocamentos constantes, Bitita é vista de forma negativa pelos moradores de sua cidade natal.

Já na segunda metade do século XX, destacamos um romance da mineira Conceição Evaristo. Além dos vários contos e poemas dos *Cadernos Negros*

de sua autoria, essa escritora tem dois romances publicados: *Pociá Vicêncio* e *Becos da Memória*.

Becos da Memória enfoca principalmente a reconfiguração da situação escravista por meio da moradia: a favela/senzala. Na favela de Maria-Nova, os habitantes: putas, bêbados, malandros, crianças e mulheres sofridas vivem em uma intensa precariedade de tudo; comida, dinheiro, água. Até o território que habitam será retirado deles. Vivem o desfavelamento. Tudo isso é narrado sob a percepção da outrora menina Maria – Nova: “[...] Maria –nova, um dia, escreveria a fala de seu povo” (EVARISTO, 2006, p. 161).

Segundo Eduardo de Assis Duarte, *Becos da Memória* é um romance coletivo, marcado por uma pluralidade de sujeitos e de dramas em que ganha relevância não os efeitos de um herói, mas sim as vozes e gestos de muitos.

Outra característica dessa obra é a presença marcante das mulheres, como Vó Rita, Negra Tuina, Maria-Velha, Cidinha-Cidoca, Ditinha. Mulheres fortes que lutam cotidianamente pelo sustento familiar. Todavia, algumas vezes sofrem com a violência de seus conjugues. Esse tipo de violência, a violência contra mulher é definido como “um fenômeno extremamente complexo, com raízes profundas nas relações de poder baseadas no gênero, na sexualidade, na auto-identidade e nas instituições sociais” (HEISE et al., 1994 apud ANGULO-TUESTA, 1997) pode ser exemplificada pela seguinte passagem de *Becos da Memória*:

[...] [Fuizinha.] ia vivendo a pesar da morte da mãe e do pai carrasco. Ele era dono de tudo. Era o dono, o macho, mulher é para isto mesmo. Mulher é para tudo. Mulher é para gente bater, mulher é para apanhar, mulher é para gozar, assim pensava ele. O Fuinha era tarado usava a própria filha (EVARISTO, 2006, p. 76).

É visível no excerto acima que o personagem Fuinha desenvolvia uma relação familiar baseada nas dinâmicas de afeto/poder, nas quais estavam presentes relações de subordinação e dominação que alcançaram o extremo, já que a sua esposa e filha eram vítimas da violência doméstica. Como resultado, sua esposa foi a óbito e Fuinha passou a desenvolver uma relação com a filha que além da violência doméstica física e mental, era incestuosa. Quando questionado sobre essa relação familiar, o personagem responde de uma forma que explicita o seu pensamento machista.

Como essas produções literárias estão inseridas em contextos históricos distintos, retratam fases distintas da história afrodescendente. Em *Úrsula*, os negros vivenciam a escravidão; em *Diário de Bitita*, são delineadas as estratégias de escravização do século XX, como a “tutela” e o cotidiano das empregadas domésticas. E *Becos da Memória* enfoca principalmente a reconfiguração da situação escravista por meio da moradia: a favela/senzala. Dessa forma,

temos um mapeamento da História afrodescendente do século XIX ao século XX, sob a perspectiva de escritoras afro-brasileiras.

Embora cada uma dessas obras retrate um momento específico da história afrodescendente, em todas elas é possível notar a preocupação de trazer a história do negro, contada sob a perspectiva do próprio negro, a partir do recurso da Memória. Em *Úrsula*, há três personagens negros. Susana, Anastácio e Túlio são personagens secundários desse romance, os dois primeiros – Susana e Anastácio – foram escravizados após captura no continente africano e o último, Túlio, nasceu em terras brasileiras. Túlio e Susana são escravos da mãe de Úrsula, representante do bem na obra, ao passo que Antero é cativo do maléfico Comendador. Nesse livro, ao contrário de outras obras do período, temos acesso à história dos escravos a partir do ponto de vista dos próprios escravos. De forma inovadora, é possibilitado ao oprimido contar sua história:

Ainda não tinha vencido cem braças de caminho, quando um assobio, que repercutiu nas matas, me veio orientar acerca do perigo iminente, que aí me aguardava. E logo dois homens apareceram, e amarraram-me com cordas. Era uma prisioneira – era uma escrava! Foi em balde que supliquei em nome de minha filha, que me restituíssem a liberdade: os bárbaros sorriam-se das minhas lágrimas, e olhavam-me sem compaixão. Julguei enlouquecer, julguei morrer, mas não me foi possível... a sorte me reservava ainda longos combates. Quando me arrancaram daqueles lugares, onde tudo me ficava – pátria, esposo, mãe e filha, e liberdade! Meu deus! o que se passou no fundo de minha alma, só vós o pudeste avaliar!... (REIS, 1988, p. 82).

No excerto acima, temos as palavras da personagem Susana que narra o momento em que foi capturada em sua terra natal e a vida que os negros tinham na sua pátria. Esse fragmento evidencia a humanização do negro, fato que a sociedade escravista buscava a todo custo contrariar, contando nesse intento com a contribuição da Igreja católica. Era a literatura afrodescendente surgindo como contra-voz a uma literatura eurocêntrica, patriarcal e branca que não reconhecia (reconhece) o negro como parte da nação brasileira e como pessoa.

Nas obras ambientadas no século XX, *Diário de Bitita* e *Becos da Memória* a história da escravidão tematizada em *Úrsula* é narrada por personagens que representam pessoas mais velhas, aquele que detém o conhecimento nas sociedades afrodescendentes, ou seja o avô de Bitita e o Tio Totó, respectivamente:

No mês de agosto, quando as noites eram mais quentes, nos agrupávamos ao redor do vovô para ouvi-lo contar os horrores da escravidão. Falava dos Palmares,

o famoso quilombo onde os negros procuravam refugio. O chefe era um homem corajoso de nome Zumbi. Que pretendia libertar os pretos (JESUS, 1986, p. 58).

Quando Tio Totó se entendeu por gente ele , ele já estava em Tombos de Carangola. Sabia que não nascera ali, como também não nascera seus pais. [...] sabia que seus pais eram escravos e que já nascera na Lei do Ventre Livre (EVARISTO, 2006, p. 23).

As duas obras das quais foram retiradas os excertos acima, são textos narrados por personagens que trazem ao texto escrito histórias que ouviram de uma pessoa mais velha. Portanto, são textos baseados em memória coletiva. A perpetuação da Memória afrodescendente é delineada nas obras, nelas: todos os personagens que trazem a história dos negros, são pessoas que viveram o momento narrado, Mãe Suzana, viveu a liberdade em terras africanas, avô de Bitita foi escravo e Tio Totó nasceu no período da escravidão. Evidenciando dessa forma, que o contar por meio da oralidade é a uma forma de perpetuação dessa Memória. Outra forma de manter essa Memória é fazendo como as personagens Bitita e Maria-Nova, narrado-a. Em *Becos da Memória*, a descoberta desse método é evidenciada pela personagem Maria-Nova:

Um dia, e agora ela já sabia qual iria ser sua ferramenta, a escrita. Um dia ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos. Maria –nova, um dia, escreveria a fala de seu povo (EVARISTO, 2006, p. 161).

Por fim, a realização desta pesquisa possibilitou alguns resultados e conclusões entre os quais se destacam os seguintes:

- As obras de Maria Firmina dos Reis, *Diário de Bitita*, de Maria Carolina de Jesus, e *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo apresentam como característica comum o fato de trazerem a história do afro-brasileiro, contada sob a perspectiva do próprio, a partir do recurso da Memória.
- O cotejo entre as obras evidenciou que as autoras demonstram consciência de serem sujeitos femininos na sociedade brasileira e vão explicitar isso em seus textos artísticos tanto por meio de personagens como por meio de prólogo.
- No que diz respeito à questão de gênero, as obras se diferenciam visto que Maria Firmina prioriza o contexto das mulheres brancas abastardas; ao passo que Carolina de Jesus e Conceição Evaristo retratam a questão entre a população pobre e negra. Todavia, em todos eles, é possível notar, a distinção entre ser uma mulher e ser uma mulher negra.

- O exercício da liberdade é uma temática que se encontra presente nas três obras. Esta temática aparece tanto relacionada ao racismo, como ao preconceito de gênero, no caso deste último as situações trazidas pelas obras podem ser sintetizada por meio da seguinte fala da personagem Bitita, no romance de Carolina de Jesus:

- Mamãe ...eu quero virar homem. Não gosto de ser mulher! Vamos mamãe! Vamos mamãe! Faça eu virar homem! (JESUS, 1986, p. 10).

- Por que é que você quer virar homem?

- Quero ter a força que tem o homem. O homem pode cortar árvore com um machado. Quero ter a coragem que tem o homem. Ele anda nas matas e não tem medo de cobras. O homem que trabalha ganha mais dinheiro do que uma mulher e fica rico e pode comprar uma casa bonita para morar (JESUS, 1986, p. 11).

- A realização dessa pesquisa possibilitou um mapeamento da história afrodescendente do século XIX ao século XX, sob a perspectiva de escritoras afro-brasileiras.

- *Úrsula* traz os personagens negros como secundários, ao passo que *Diário de Bitita* e *Becos da Memória* os trazem como personagens principais, com destaque para figura feminina negra.

- A partir dos romances aqui analisados, observou-se que do século XIX ao século XX, modificaram-se as nomenclaturas senhor/escravo por patrão/empregado ou ainda a tutela; sociedade escravocrata por sociedade capitalista, mas as relações sociais entre brancos e negros, autoridades e negros e as condições de submissão morais e econômicas nas relações de trabalho mantiveram-se.

Enfim, o cotejo desses textos permitiu-nos observar que as vozes femininas negras aqui estudadas, por um lado, assemelham-se, ao construíram uma leitura da história afrodescendente que rasura a história oficial e ao discutirem a questão de gênero. E por outro lado, distinguem-se ao retratam fases distintas da história afrodescendente, como observamos anteriormente.

REFERÊNCIAS

ANGULO-TUESTA, Antonia de Jesús. *Gênero e violência no âmbito doméstico: a perspectiva dos profissionais de saúde*. [Mestrado] Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública; 1997. Disponível em: <http://portalteses.cict.fiocruz.br/transf.php>.

COLLING, Ana. A construção histórica do masculino e do feminino. In: STREY, Marlene N.; CABEDA, Sonia T. Lisboa; PREHN, Denise. (Org.). *Gênero e cultura: questões contemporâneas*. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2004.

- COSTA, Claudia de Lima. Teorias feministas, traduções transnacionais e mediações culturais. In: DUARTE, Constancia Lima; DUARTE, Eduardo de Assis; Bezerra, Kátia da Costa. *Gênero e representação: teoria, história e crítica*. Belo horizonte: Ed. UFMG, 2002. Coleção Mulher e literatura, v. 1.
- DUARTE, Constância Lima. Gênero e etnia no nascente romance brasileiro. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 437-456, maio-ago. 2005.
- DUARTE, Constância Lima; SCARPELLI, Marli Fantini. (Org.). *Gênero e representação nas literaturas de Portugal e África*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002. Coleção Mulher e literatura III.
- DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo de Assis; BEZERRA, Kátia da Costa. (Org.). *Gênero e representação: teoria, história e crítica*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002. Coleção Mulher e literatura I.
- EVARISTO, Conceição. Da representação a auto-representação da mulher negra da mulher negra na literatura brasileira. *Revista Palmares: Cultura Afro-brasileira*, ano 1, n. 1, ago. 2005.
- EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. Belo Horizonte: Mazza, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *L'Ordre du discours*. Tradução de Edmundo Cordeiro. Paris: Gallimard, 1971. Disponível em: <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/ordem.html>. Acesso em: 25 mar. 2007.
- JESUS, Maria Carolina de. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- LOBO, Luiza. *A literatura de autoria feminina na América Latina*. Revista Brasil de Literatura. Disponível em: <http://members.tripod.com/~lfilipe/LLobo.html>. Acesso em: 8 dez. 2006.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio*. Biblioteca Virtual de direitos Humanos. Disponível em: <http://www.direitos humanos.usp.br/>. Acesso em: jan. 2007.
- PASSOS, Elizabeth. A razão patriarcal e a heteronomia da subjetividade feminina. In: DUARTE, Constancia Lima; DUARTE, Eduardo de Assis; Bezerra, Kátia da Costa. *Gênero e representação: teoria, história e crítica*. Belo horizonte: UFMG, 2002. Coleção mulher e literatura, v. 1.
- QUEIROZ JUNIOR, Teófilo de. *Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira*. São Paulo: Atica, 1975.
- QUEIROZ, Vera. *Crítica literária e estratégias de gênero*. Niterói: EDUFF, 1997.
- REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença Edições; Brasília: INL, 1988. Coleção Resgate/INL.
- RICHARD, Nelly. *Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002, p. 178-172.

